



CRESCÊNCIO, Cintia Lima*

<https://orcid.org/0000-0002-2992-9417>

RESUMO: Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre cartunistas mulheres brasileiras que tiveram importante atuação entre as décadas de 1960 e 1980. Destacamos Maria da Conceição de Souza Cahú, que assinava Cahú; Hilde Weber; Cecília Alves Pinto, Ciça; e Mariza Dias Costa, Mariza. Procurando analisá-las em perspectiva, no sentido de buscar articulações em seus trabalhos, as considero chave fundamental na construção da história do humor gráfico no Brasil. Este texto recupera e apresenta uma breve síntese sobre cada uma dessas artistas, mapeando seus locais de produção, temas e abordagens, em busca de filiações, pertencas e legados. A partir do reconhecimento da inexistência de estudos detidos sobre estas cartunistas, por meio de pesquisa em jornais e bibliográfica, busco recuperar e apresentar Cahú, Ciça, Hilde e Mariza com base no conceito de genealogia feminista (CIRIZA, 2006) e a partir de um olhar de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Cartunistas mulheres; Genealogia Feminista; Humor.

ABSTRACT: This article aims to reflect on Brazilian women cartoonists who played an important role between the 1960s and 1980s. They are: Maria da Conceição de Souza Cahú, who signed as Cahú; Hilde Weber; Cecília Alves Pinto, Ciça; and Mariza Dias Costa, Mariza. Seeking to analyze them in perspective, in order to seek articulations in their works, I consider them to be a fundamental key in the construction of the history of graphic humor in Brazil, which is why this text recovers and presents a brief synthesis about each of these women artists, mapping their places of production, themes and approaches, in search of affiliations, belongings and legacies. From the recognition of the lack of studies carried out on these women cartoonists, through newspaper and bibliographical research, I seek to recover and present Cahú, Ciça, Hilde and Mariza based on the concept of feminist genealogy (CIRIZA, 2006) from a gender perspective.

KEYWORDS: Women cartoonists; Feminist Genealogy; Humor.

* Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC), onde atua como docente no Curso de Licenciatura em História e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais. É coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia (NEG/UFABC) e integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina (LEGH/UFSC). E-mail: cintia.lima@ufabc.edu.br. Este artigo é resultado de reflexões já iniciadas em outras publicações e foi produzido no âmbito do projeto coletivo "MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)", financiado pelo CNPq, Processo nº 404662/2021-8. Este trabalho desdobrou-se no projeto "Uma História das Artistas do Traço no Brasil", coordenado por Cíntia Lima Crescêncio e financiado pelo CNPq, Processo: 403648/2023-8. Parte dos resultados aqui apresentados são oriundos da continuidade da pesquisa neste projeto individual.



“Ela ri de tudo, dos outros e sobretudo de si mesma. Ela diz que o riso protege” (DAAS, 2022, p. 34), narra a escritora Fatima Daas sobre Nina, um amor de sua juventude. A ideia do riso como forma de proteção é fundamental para pensarmos sobre as formas de (re)existir das mulheres, especialmente em uma perspectiva de gênero e feminista. Diante de debates diversos que procuram entender a produção do conceito de humor feminista, que consideram desde os sujeitos produtores ao alvo do riso, é fundamental não perdermos de vista que o humor é, sim, um instrumento de luta e reflexão para as mulheres, seja porque a produção do humor foi negada a elas, em todas as esferas consideradas públicas, como no jornalismo, no desenho, no teatro, no cinema, na palhaçaria, nas letras; seja porque muitas vezes elas escolhem como alvo exatamente as desigualdades e estereótipos de gênero.

Para Nancy Walker (1988), o humor com viés feminista é um humor que questiona a ordem vigente, desestabiliza as normas, desafia a autoridade, sublinha a importância de se repensar uma estrutura política, social e cultural que é baseada na evidente desigualdade entre homens e mulheres. Este tipo de humor inspira e entretém. O humor feminista ri da própria ideia de desigualdade de gênero. Ele esforça-se para tornar a ideia de desigualdade absurda, deslegitimando-a (WALKER, 1988. p. 145). As artistas aqui apresentadas, cada uma a seu modo, questionam as hierarquias e o poder que fundamentam o mundo, seja por meio do riso e do traço, seja pelos enfrentamentos encarados na condição de cartunistas mulheres.

O humor das mulheres pode ser compreendido como um gesto feminista, mesmo que não haja promessas de suas autoras, e é a partir dessa perspectiva que este artigo pretende recuperar e apresentar um breve apanhado de informações e produções de cartunistas do Brasil que fizeram história, mas seguem desconhecidas da História. Nesse sentido, o conceito de genealogia feminista é útil, uma vez que busco evidenciar conexões entre estas cartunistas, inclusive com nosso tempo (CIRIZA, 2006). Ciça (1939-), Mariza (1952-2019), Cahú (1944-2006) e Hilde Weber (1913-1994) são nomes para não esquecer e é este movimento que pretendo realizar nas próximas páginas, um movimento de não esquecimento das cartunistas brasileiras, algo que já vem sendo sublinhado por artistas e coletivos de mulheres que não perdem de vista a importância de conhecer a história das mulheres nos quadrinhos e no humor gráfico.



Muito do que sabemos sobre essas cartunistas não se deve a pesquisas acadêmicas, realizadas em instituições de ensino superior, mas ao trabalho de publicações sobre humor gráfico e quadrinhos com perspectiva de gênero e feminista, como é o caso da revista *As Periquitas, Meninas com humor e opinião*, de 2014, cujo projeto editorial e edição de arte foi assinado por Crau, também uma cartunista; da revista *Risca! memória e política das mulheres nos quadrinhos*, publicada em 2015, que conta com Mariamma Fonseca e Samanta Coan no planejamento editorial e é fruto do coletivo e do site *Lady's Comics*; e da revista *Mina de HQ*, que já teve quatro edições entre 2020 e 2023, e tem como editora-chefe Gabriela Borges. Além disso, destaco o livro *Mulheres & Quadrinhos*, de 2019, organizado por Dani Marino e Luluña Machado.

Estas são iniciativas que debatem o contexto contemporâneo de mulheres no humor gráfico e nos quadrinhos brasileiros a partir do digital, local onde a diversidade de gênero, de sexualidade e racial abundam na produção artística hoje. Este olhar para o presente e, de algum modo, para o futuro, ao contrário do que poderíamos imaginar, não perde de vista as chamadas “pioneiras”, mulheres que trilharam o caminho do desenho, do humor e da arte no passado. Esquecidas pelas obras de referência (CRESCÊNCIO, 2018), e anteriores ao contexto da Internet, artistas como Ciça, Cahú, Hilde, Mariza e muitas outras são alvo do interesse de quadrinistas, cartunistas e leitoras jovens, muitas já nascidas no século XXI.

Este texto, portanto, avança no sentido de contribuir com estes estudos sobre cartunistas mulheres oriundas de contextos em que os impressos predominavam, reconhecendo que ainda há muito trabalho de pesquisa e de arquivo a ser realizado¹. Vale pontuar que há numerosos estudos sobre humor gráfico e sobre cartunistas homens no Brasil, como é o caso do *O Pasquim*, ou de grandes nomes como Ziraldo, Henfil, Millôr, Fortuna, Jaguar, Angeli. Tais cartunistas, inclusive, tiveram coletâneas de suas produções publicadas, além de figurarem em inúmeras listas de “grandes nomes do humor”, que resultam em exposições e homenagens muito justas, mas que não avançam em direção às mulheres cartunistas. A história das cartunistas no humor

¹ Neste artigo, são exploradas e apresentadas fontes localizadas em acervos físicos, acervos disponíveis on-line e acervos digitalizados por grupos de pesquisa. Além disso, coletâneas de cartunistas mulheres também foram consideradas fontes e tiveram suas capas reproduzidas quando possível. As coletâneas integram acervo pessoal.



gráfico brasileiro ainda está em construção e aqui pretendo esboçar possibilidades para essa construção, indicando caminhos de pesquisa que podem ser seguidos.

MULHERES, HUMOR E PERIÓDICOS

Um dos caminhos de pesquisa sobre mulheres produtoras de humor gráfico é a imprensa, local privilegiado de publicação humorística desde o começo do século XX e que, a partir do golpe de 1964, viu sua diversidade crescer com a criação de uma imprensa clandestina e alternativa. Ainda que pouco frequentes, as cartunistas mulheres em grandes jornais existiam, muito embora os atuais esforços de sistematização de suas produções nesses espaços ainda sejam tímidos. Jornais como *Folha de S. Paulo*, o *Estado de S. Paulo*, a revista *O Cruzeiro* e *Placar* contaram com a contribuição de cartunistas mulheres, mas não é equivocado dizer que, até o momento, as encontramos em maior número e de modo mais denso em impressos alternativos produzidos por movimentos de mulheres e feministas.

N'O *Pasquim*, por exemplo, apenas a cartunista Mariza foi figura frequente entre os anos de 1974 e de 1978. É possível identificar outras quatro desenhistas do humor no jornal entre 1983 e 1985: Fátima, Ana, Carmen Silvia Paiva e Ilda, sendo que parte dessas aparições é resultado de um concurso de humor. A imprensa alternativa feminista, entre os anos 1970 e 1980, afirma-se como um dos principais espaços de difusão de humor gráfico produzido por mulheres, especialmente o humor que problematiza questões de gênero (BURKART, 2017). Fato curioso é que, apesar disso, não é incomum a associação de cartunistas mulheres importantes ao exaltado jornal de oposição à ditadura. É o caso de Ciça, que nunca publicou desenhos, tiras ou charges n'O *Pasquim*, mas costuma ser identificada como “colaboradora” da publicação quando apresentada como cartunista. De acordo com a própria artista, ela contribuía apenas com textos, fato que merece ser alvo de reflexão.

Fruto da militância das esquerdas feministas do período, preocupadas em debater questões de gênero, em construir a revolução e lutar pelo retorno da democracia, jornais como *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres*, *Mulherio* e *ChanacomChana* foram algumas das publicações que, sem compromisso com a ideia de seriedade promulgada pelas esquerdas tradicionais, fizeram uso do humor gráfico com perspectiva feminista. Reunindo cartunistas difusas em grandes veículos, como Ciça,



que publicou na *Folha de S. Paulo* entre 1967 e 1985, e Cahú, que contribuiu em jornais e revistas, a imprensa feminista era lugar de produção autônoma, livre e comprometida politicamente. No humor gráfico produzido por mulheres publicado nesta imprensa, discutia-se política, democracia, desigualdade, mas também atravessamentos de gênero nas experiências das mulheres, como educação, trabalho doméstico, dupla jornada de trabalho, controle de natalidade, sexualidade, debates que não costumavam encontrar lugar em outras publicações.

Cahú, Célia, Ciça, Crau, Hilde Weber, Lila, Mariza, Marlene Crespo, Miriam Martinho são algumas das mulheres cartunistas que entre os anos 1970 e 1980 tiveram expressiva atuação na imprensa alternativa, na imprensa feminista e, também, na grande imprensa no Brasil. Como elas, há tantas outras ainda desconhecidas, por isso neste texto apresento uma sistematização e uma reflexão com base no que se sabe hoje, com base nas fontes e recursos por ora acessíveis, e não um panorama acabado sobre as cartunistas brasileiras em tempos de difusão pelo papel. Cahú, Ciça, Hilde e Mariza são as artistas que, até o momento, permitem apresentar estas linhas em função de coletâneas já publicadas com suas produções e da pesquisa em arquivo ter avançado em alguns achados.

Pontuo, por fim, que uma busca por estes nomes e outros na Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses, em novembro de 2022, não trouxe resultados, indicando a inexistência, ao menos neste Banco de Dados, de pesquisas dedicadas exclusivamente a estas artistas.² Estes e outros nomes aparecem, contudo, nos jornais da época e nos esforços de artistas e coletivos de recuperar a memória das “veteranas”. O *site* Mina de HQ, por exemplo, criou um Banco de Quadrinistas, chamado BAMQ!³ Há nomes como o de Célia, que publicava quadrinhos no jornal *Mulherio*, ativo entre 1981 e 1988, que não temos nenhuma outra informação. Mediante informações ausentes ou dispersas, neste artigo procuro organizar e apresentar alguns dados centrais destas quatro artistas.

² Pesquisa realizada no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD). Informações colhidas em 21 de novembro de 2022.

³ Ver, a este respeito, <https://minadehq.com.br/banco-de-quadrinistas/> Acesso: 30 ago. 2024.

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUZA CAHÚ, A CAHÚ

Maria da Conceição de Souza Cahú, a Cahú⁴, nasceu no estado de Pernambuco, nordeste brasileiro, em 1944, mais especificamente na cidade de Floresta. Mudou-se para São Paulo na década de 1970, quando iniciou uma exitosa carreira na imprensa feminista e na grande imprensa. É sua trajetória pelos impressos que permite que a conheçamos hoje. Na grande imprensa, seus vestígios são inúmeros, embora as pesquisas em busca deles ainda sejam escassas. Cahú contribuiu com as revistas da editora Abril, destaque para a revista *Placar*, sobre futebol, esporte pelo qual era apaixonada, e com os jornais *Folha de S. Paulo* e a *Gazeta Mercantil* (PESSOA e SOUZA, 2019). Notas e respostas a leitores(as) publicadas na *Placar* indicam que Cahú cobria Laerte durante suas férias, pelo menos entre 1976 e 1977⁵. No número 940, de 1988, foi publicada uma matéria sobre um álbum de figurinhas para celebrar as copas de 1958, 1962 e 1970. A artista responsável pelas ilustrações dos “craques” foi Cahú, que ganhou uma nota intitulada “A retratista dos craques”, em que ela narra os desafios de construir as imagens do álbum.

FIG. 1



“A Retratista dos Craques”. *Placar*, Nº 940, 10 de junho de 1988, p. 44.

⁴ Cahú, recentemente, tornou-se alvo de pesquisa financiada pela Lei Aldir Blanc em Pernambuco. Ver Silva, A. C. A.B. da e S., J. A.V. da (2021): “Traços de Cahú: a arte como resistência feminista”, *Revista Fim do Mundo*, Nº 5, pp. 382-392. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/11956/10344>. Acesso: 30 ago. 2024.

⁵ É importante mencionar que na pesquisa não tive acesso à coleção completa da revista e, por isso, não há como confirmar que Cahú contribuiu com a *Placar* apenas entre 1976 e 1977.

Cahú também publicou na revista *Balão*, famosa por revelar grandes nomes do desenho, do humor gráfico e do quadrinho nacional (MESSIAS, 2018). Na edição número 8, de 1975, Cahú assina um quadrinho com Paulo Santos. Na primeira página, reproduzida na sequência, é informado que ela foi a responsável pelo desenho.

FIG. 2



CAHÚ/PAULO SANTOS. *Balão*, Nº8, 1975, p. 54.

Em 1992, a artista pernambucana foi premiada pelo 21º Salão de Humor de Piracicaba, na categoria quadrinhos, por *Uma História de Amor*, um tributo a Carlos Zéfiro. A honraria merece ser mencionada não apenas por integrar parte da história de Cahú, mas pela raridade de prêmios para as mulheres no campo dos quadrinhos. Na entrega da 35ª edição do Troféu HQMix, realizada em 2023, artistas mulheres protestaram contra a desigualdade de gênero nas indicações e premiações de uma

das mais importantes premiações de quadrinhos brasileira⁶. Cahú, de algum modo, conseguiu ter seu trabalho reconhecido ainda nos anos 1990.

FIG. 3

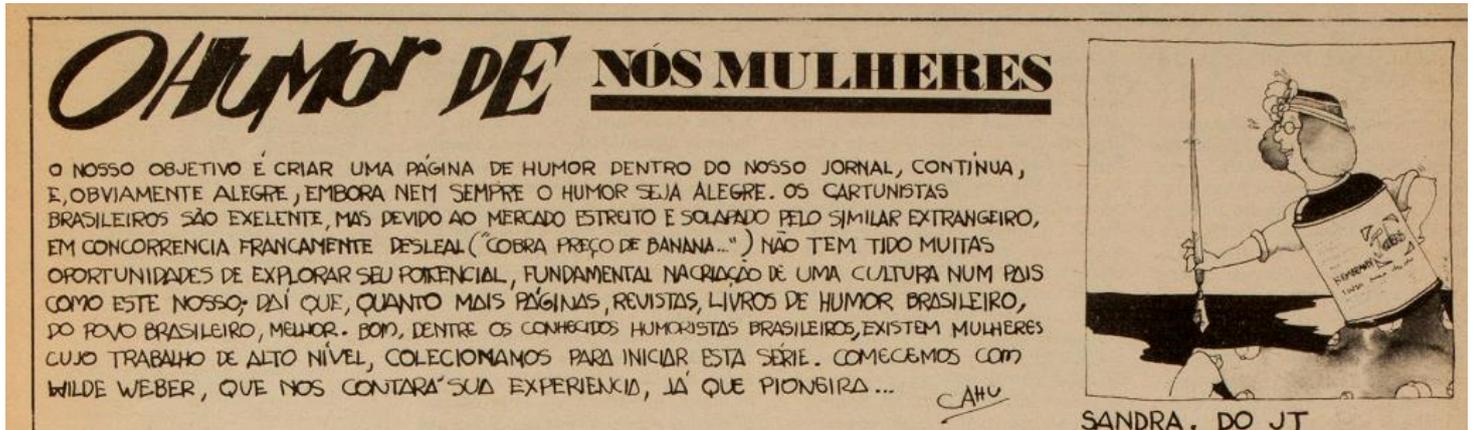


Autorretrato (acervo pessoal da artista). Memorial Conceição Cahú. Floresta/PE. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Autorretrato-acervo-pessoal-da-artista-Memorial-Conceicao-Cahu-Floresta-PE_fig1_354281327. Acesso em: 30 ago. 2024.

Além da sua atuação na grande imprensa e nas publicações de quadrinhos, é fundamental lembrar seu envolvimento com a imprensa alternativa e feminista brasileira a partir de 1975. Cahú fez parte do grupo que produziu o jornal *Nós Mulheres*, que circulou entre 1976 e 1978, e contribuiu com o *Brasil Mulher*, fundado em 1975. A edição número 4 do *Nós Mulheres*, do ano de 1977, é acompanhada de uma página de humor inaugurada por Cahú, em que consta uma apresentação de Hilde Weber ao público.

⁶ Ver, a este respeito, <https://revistaogrito.com/noite-de-entrega-do-trofeu-hgmix-e-marcada-por-protestos-contr-a-falta-de-diversidade-no-premio/>. Acesso: 29 ago. 2024.

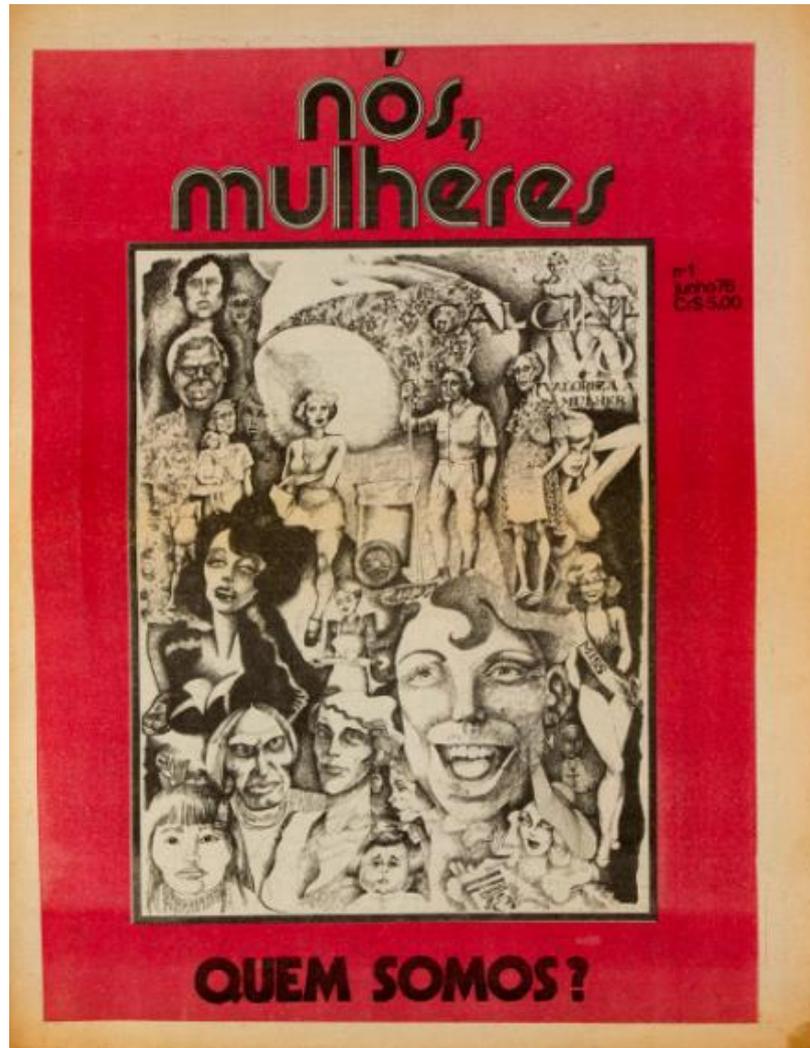
FIG. 4



O nosso objetivo é criar uma página de humor dentro do nosso jornal, contínua, e, obviamente, alegre embora nem sempre o humor seja alegre. Os cartunistas brasileiros são excelente (sic), mas devido ao mercado estreito e solapado pelo similar estrangeiro (sic), em concorrência francamente desleal ("cobra preço de banana...") não tem tido muitas oportunidades de explorar seu potencial, fundamental na criação de uma cultura num país como este nosso; daí que, quanto mais páginas, revistas, livros de humor brasileiro, do povo brasileiro, melhor. Bom, dentre os conhecidos humoristas brasileiros, existem mulheres cujo trabalho de alto nível, colecionamos para iniciar esta série. Começamos com Hilde Weber, que nos contará sua experiência, já que pioneira (CAHÚ, Coluna de Humor. *Nós Mulheres* N° 4, março-abril de 1977, p. 9).

Ilustradora, pintora, retratista, chargista, caricaturista e cartunista talentosa, com formação na Escola de Belas Artes de Recife, Cahú também reconheceu como suas experiências de gênero marcaram sua trajetória no mundo, como mulher e artista. Ao mesmo tempo que seu texto indica um esforço de reconhecer o trabalho de mulheres pioneiras no universo do cartum, suas charges e ilustrações demonstram enorme preocupação com questões de gênero e classe, o que implica no debate sobre trabalho doméstico, dupla jornada, carestia, creche, saúde, pobreza, natalidade. Nos jornais feministas, através de ilustrações, humor gráfico e quadrinhos, conhecemos uma Cahú engajada na luta de mulheres trabalhadoras, faveladas e pobres (CRESCÊNCIO, 2021)

FIG. 5



CAHÚ. *Nós Mulheres*. Número 1, Junho de 1976, capa.

Era muito comum que artistas cedessem quadrinhos, charges ou tiras a jornais alternativos, que não tinham recursos financeiros. O cartunista Henfil, por exemplo, produzia artes exclusivas para sindicatos, produziu, inclusive, para o jornal *Nós Mulheres*. Além disso, há dois pontos importantes de serem observados. Primeiro, parte do humor gráfico era, também, publicado sem autorização prévia, em contexto que o debate sobre direitos autorais não era tão relevante, sem contar a perspectiva horizontal e coletiva que atravessava o fazer político das esquerdas no período. Segundo, a imprensa alternativa feminista não se caracterizava por um modo profissional de fazer jornalismo, a produção dos jornais era parte da militância, o que implica em um modo mais “espontâneo” de pensar os jornais. Fato é que nenhum

destes casos se enquadra na produção de Cahú, que fazia parte da equipe editorial do *Nós Mulheres*, como indicam entrevistas e as próprias edições do jornal (CRESCÊNCIO, 2021). Capas, quadrinhos e charges que integram o *Nós Mulheres* foram feitos especialmente para a promoção de um debate feminista. A faceta feminista de Cahú segue pouco explorada. Na cidade de Floresta, Pernambuco, onde a artista nasceu, foi criado um Memorial em sua homenagem. O Memorial Conceição Cahú conta com o acervo pessoal da artista, que faleceu em 2006.

HILDE WEBER, A PIONEIRA

Cahú, na coluna antes transcrita, propõe uma filiação com o trabalho de Hilde Weber, identificando sua atuação e experiência como pioneira. Nascida em 1913, importante nome da caricatura política e muitas vezes citada entre os chamados “pioneiros”, a imigrante alemã atuou nos *Diários Associados*, com foco na revista *O Cruzeiro*, durante a década de 1930. Entre 1950 e 1960, foi cartunista editorial da *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro. Colaborava com o jornal *O Estado de S. Paulo*, onde fez charges diárias por quase 30 anos (FONSECA, 1999).

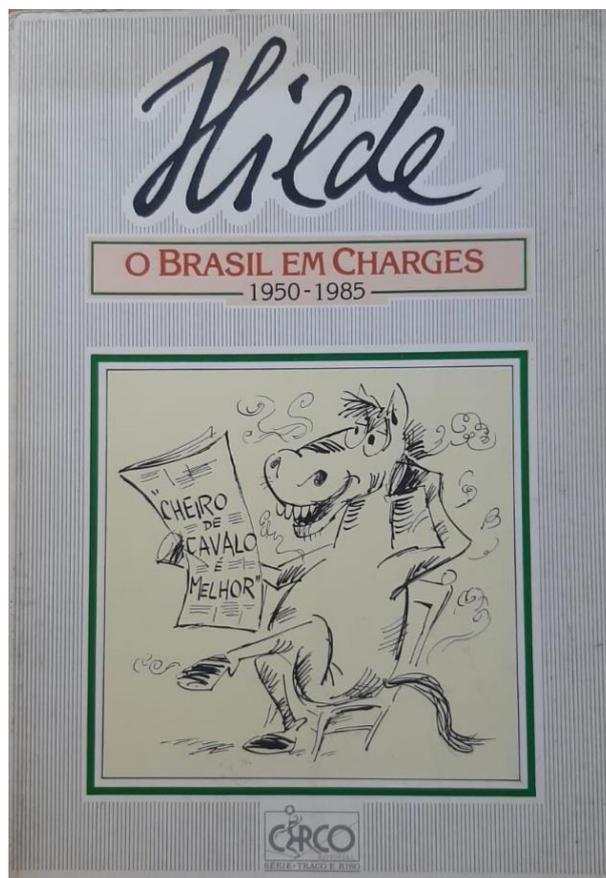
FIG. 6



Foto Ivoty Macambira. Contracapa do livro *Hilde: o Brasil em Charges* (1986).

Em 1986, publicou uma coletânea de charges e caricaturas de sua autoria, pela editora Circo, intitulada *Hilde: o Brasil em Charges (1950-1985)*, uma das poucas obras de coletâneas de mulheres do período. Na folha de rosto do livro são apresentados os dez números da série *Traço e Riso*, publicada pela Circo, com seus respectivos autores: Angeli, Chico Caruso, Luiz Gê, Glauco, Grilo, Laerte, Paulo Caruso e ela, Hilde.

FIG. 7



WEBER, Hilde. *Hilde: o Brasil em Charges (1950-1985)*. Editores: Toninho Mendes e Chico Caruso. São Paulo: Circo, 1986.

Importante sublinhar que, para além do desafio do trabalho de pesquisa e arquivo, urgente no caso de estudos sobre cartunistas brasileiras que viveram antes da Internet, convivemos com o parco interesse do mundo editorial na publicação de mulheres, o que explica a existência de poucas coletâneas com o trabalho destas artistas. Mesmo nomes do começo do século XX, como Nair de Teffé, que já foi alvo



de investigações de fôlego (CAMPOS, 2016), não tiveram seu traço eternizado em uma coletânea própria.

Na apresentação da obra de Hilde Weber, Fernando Pedreira afirma que “Chega a parecer incrível que esta seja a primeira grande coletânea de desenhos seus, pois Hilde, com seu trabalho na imprensa diária, acompanhou e ilustrou todos os episódios da História brasileira ao longo deste meio século” (WEBER, 1986, p. 4). A apresentação da coletânea de Hilde peca, assim como muitos dicionários e enciclopédias, ao fazer referência às mulheres, quando elabora na mesma frase um elogio simulado de crítica e comparação aos chamados “grandes mestres do quadrinho nacional”. Pedreira afirma que

O traço de Hilde é leve e forte, o seu estilo é surpreendentemente constante e fiel à si mesmo. Não parece haver nos seus desenhos inquietação, pesquisa formal e, ainda menos, a deliberada versatilidade criadora de um Chico Caruso ou do mestre Millôr Fernandes. A personalidade de Hilde é estável. Tranquila, firme como um barco seguro de sua rota (WEBER, 1986, p. 4-5).

O elogio à obra de uma das primeiras artistas do humor brasileiras é sobre sua “estabilidade”, porque não há inquietação, pesquisa ou versatilidade. Este tipo de tratamento é absolutamente comum entre estudiosos, jornalistas e comentaristas da produção de mulheres. O trabalho das mulheres com frequência é acusado de “falta de qualidade editorial”⁷. Já foram realizados outros estudos a respeito do tema, por isso não nos dedicamos ao assunto aqui (CRESCÊNCIO, 2018), no entanto é essencial registrar que mesmo as artistas reconhecidas são alvo de críticas e ataques. Pioneira e, talvez, protagonista de uma das primeiras coletâneas de uma cartunista mulher do Brasil antes da era da Internet, quando as redes sociais e as formas de financiamento assumiram novos rumos para a difusão da produção de mulheres, Hilde sobreviveu aos críticos e ao tempo⁸.

Hilde, ao contrário de Cahú, que circulava na grande imprensa, nas revistas de quadrinhos e na imprensa alternativa feminista, dedicava-se exclusivamente aos

⁷ Ver, a este respeito, <https://www.brasilefato.com.br/2019/07/05/por-que-o-trabalho-feminino-nos-quadrinhos-e-desvalorizado>. Acesso em: 30 ago. 2024.

⁸Foram localizadas indicações de que um mestrado sobre Hilde Weber foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC, através do trabalho do pesquisador Paulo Albuquerque. No entanto, não foi possível localizar a dissertação nos bancos de dados online.

grandes jornais, representando em seu humor gráfico grandes figuras e acontecimentos da política institucional brasileira. Apesar disso, não apenas foi citada pelo *Nós Mulheres* como “pioneira” e de “alto nível”, como foi alvo de um perfil pelo jornal *O Mulherio*, em 1987. Já na capa, Hilde era anunciada por uma caricatura produzida pela própria, representando um dos políticos mais frequentes em seu traço, Jânio Quadros.

FIG. 8



Mulherio, Nº 30, julho de 1987, capa.

FIG. 9



COLUCCI, A. “Perfil: Nos traços de Hilde, a vida política do Brasil”. *Mulherio*, Nº 30, julho de 1987, p. 12-13.

Arlene Colucci afirmou que Hilde era a mais atuante chargista mulher da imprensa nacional, e que nenhum político escapou de seu traço. Identificada pela colunista como simpática às correntes políticas de centro-esquerda, Hilde tematizava

presidentes, governadores, senadores. Seu traço e seu humor eram dedicados aos homens e ao que eles representavam. Hilde faleceu em 1994.

CECÍLIA ALVES PINTO, A CIÇA

Cecília Alves Pinto, que conhecemos como Ciça, trilhou uma jornada paralela, ao mesmo tempo que muito distinta de Hilde. Atenta às minúcias do cotidiano, aos vícios da política, às assimetrias de poder e acionando uma linguagem didática com personagens protagonizados por formigas, galinhas, pássaros e patos, Ciça é a criadora de figuras famosas do universo das tiras nacionais, como *O Pato*, que ganhou coletânea de luxo em 1986 (GOIDANICH e KLEINERT, 2011)⁹ e *Bia Sabiá*, personagem criada especialmente para publicações feministas (CRESCÊNCIO, 2018a).

FIG. 10



Cortesia da artista. Disponível em: <https://revistaogrito.com/cica-humor-pela-liberdade/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

⁹ Nesta pesquisa ainda não localizamos esta coletânea.

Ciça nunca publicou tiras n' *O Pasquim*, sua especialidade. No entanto, entre 1978 e 1979, o periódico lançou, dentro de coleção intitulada "Humor", dois volumes com coletâneas de Ciça. O projeto tinha editoria de Jaguar e o intuito era celebrar os 10 anos do personagem Pato, publicado na *Folha*. Na apresentação do Número 1, chamada *O Pato*, Ziraldo afirma que "Agora, que Ciça faz dez anos de tira, o Pasquim se sente na obrigação de lançar a coleção de algumas das melhores..." (CIÇA, 1978, p. 3).

FIG. 11



CIÇA. *O Pato*. Editora Codecri: Rio de Janeiro, 1978.

Já no Número 2, intitulado *O Pato no Formigueiro*, a apresentação fica sob responsabilidade de Henfil, que ressalta o quão impressionante era Ciça publicar tiras diárias na *Folha de S. Paulo* há exatos 12 anos, e afirma: "Desculpem a imagem chauvinista, mas o que me interessa é o efeito: esta Ciça é macho paca!" (CIÇA, 1979, p. 3).

FIG. 12



CIÇA. *O Pato no Formigueiro* (2). Editora Codecri: Rio de Janeiro, 1979.

Como já afirmado, este tipo de consideração sobre o trabalho das mulheres cartunistas abunda em coletâneas, dicionários, enciclopédias e edições comemorativas, e já foi alvo de análise em outro texto (CRESCÊNCIO, 2018). Vale sublinhar, no entanto, que anedotas machistas são, com frequência, proferidas por companheiros de trabalho, admiradores sinceros e, no caso de Henfil, simpáticos à causa feminista. Destacar tais dizeres é importante para trazer contexto à atuação de mulheres cartunistas.

Nascida em São Paulo, em 1939, Ciça morou parte de sua juventude no Rio de Janeiro e, por lá, envolveu-se com o grupo do *O Pasquim*. Em entrevista publicada na revista *Estudos Feministas*, Ciça (CRESCÊNCIO, 2019) relata que publicou apenas textos no jornal alternativo mais famoso do país. Sua projeção como cartunista foi na *Folha de S. Paulo*, mas também contribuía ativamente com o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres* e o *Mulherio*. Ela conta que “Todo mundo que me contatava e, se eu gostava de estar com o veículo, eu fazia. O trabalho das mulheres era de graça. E a *Folha* era quase de graça. Não era de graça, mas o pagamento era ridículo” (CRESCÊNCIO, 2019. p. 3).

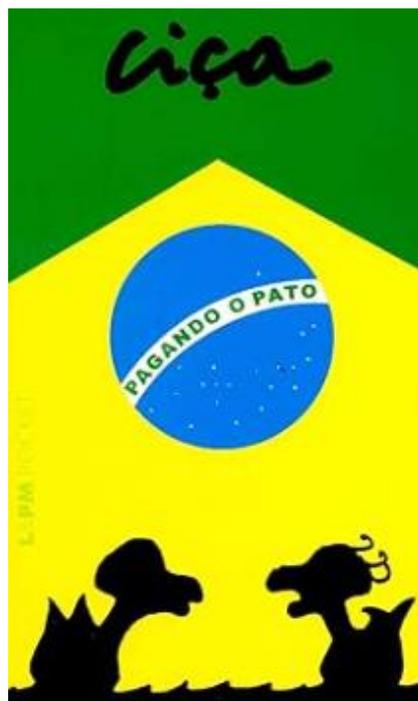
FIG. 13



CIÇA. *Brasil Mulher*. São Paulo, 1978.

Ciça, através de sua produção, convidava o público a pensar sobre as injustiças e a desigualdade com humor, fazendo do trabalho doméstico, da maternidade, do controle de natalidade sua pauta em tiras para a imprensa feminista. Em 2006, lançou uma coletânea pela L&M Pocket, o título *Pagando o Pato* figura na capa ilustrada pela bandeira do Brasil em substituição ao “Ordem e Progresso”.

FIG. 14



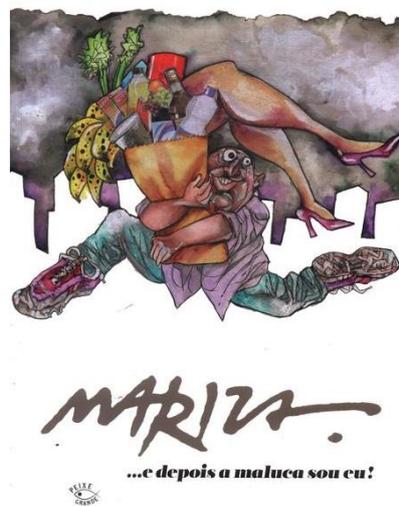
CIÇA. *Pagando o Pato*. Porto Alegre: L&M Pocket, 2006.

Ciça é, provavelmente, uma das cartunistas mais lembradas do período. Acompanhada de Mariza, figurou entre os mais de 80 homens nos dois volumes da *Antologia Brasileira de Humor* (ADAIL, 1976). Também mereceu um verbete na *Enciclopédia dos Quadrinhos* (2011) e, hoje, afirma-se como uma das cartunistas mulheres mais celebradas e acionadas filialmente pelas novas gerações. Em 2019, através de votação popular, Ciça venceu o Troféu Ângelo Agostini como um dos mestres (no masculino) do quadrinho nacional, ação fruto, certamente, da recente onda de mulheres quadrinistas e cartunistas que dominam parte do cenário nacional. Ciça, atualmente, dedica-se à literatura infantil e segue participando de debates sobre humor gráfico, gênero e seu “pioneirismo”.

MARIZA DIAS COSTA, A MARIZA

Contemporânea de Ciça, Mariza Dias Costa, nascida em 1952 na Guatemala, tinha um traço e um desenho vivo, que ameaçava saltar do papel. A obra de Mariza foi alvo de um compilado que reúne nuances biográficas, originais, anotações e trabalhos finalizados. No *...e depois a maluca sou eu!* (2013), publicado pela editora Peixe Grande, e organizado por Orlando Pedrosa, conhecemos uma versão de Mariza colorida, atormentada, artista.

FIG. 15



COSTA, Mariza Dias. *...e depois a maluca sou eu!* São Paulo: Peixe Grande, 2013.

Com uma vida movimentada, pois sua família transitou por diferentes países quando ela era jovem, por volta dos anos 1970 estabeleceu-se no Rio de Janeiro depois de viver na Suíça, no Paraguai, na Itália, na França, no Iraque. No Brasil, Mariza contribuía com os jornais *Ovelha Negra*, *Movimento*, *Jornal do Brasil*, com as publicações *O Bicho*, *Circo* e *Bolsa*. Nesta pesquisa, foi localizado um quadrinho de Mariza publicado no fanzine *A Roleta*, em 1977. Na sequência está reproduzida a primeira página¹⁰.

FIG. 16

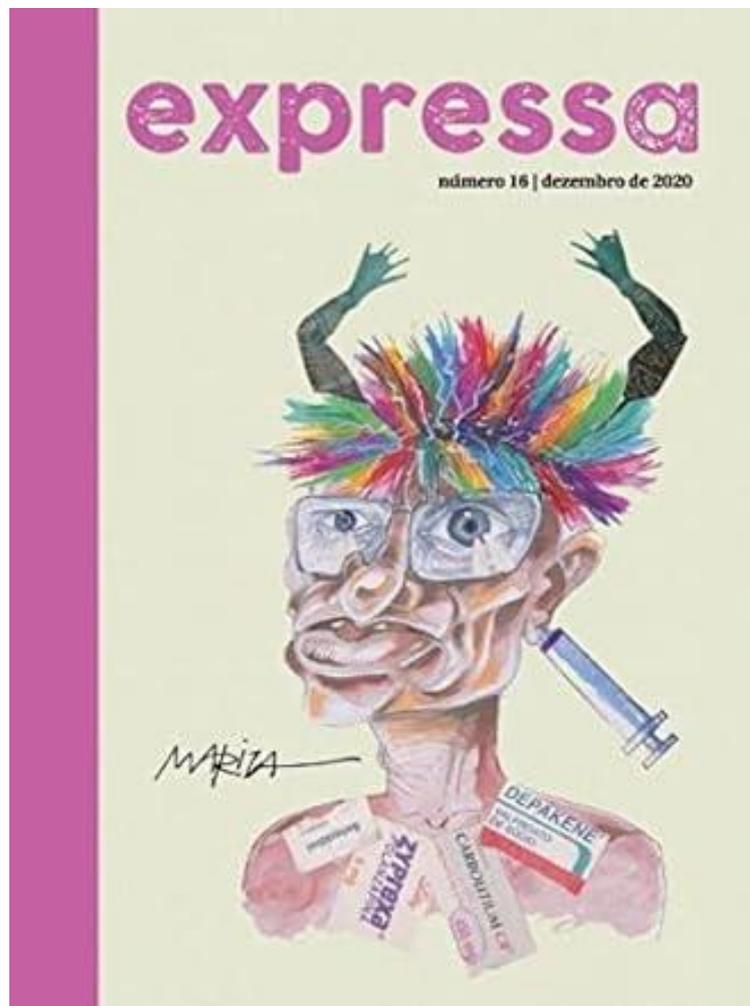


COSTA, Mariza Dias. *A Roleta*. Nº 2, Março de 1977, p. 2.

¹⁰ Importante salientar que número expressivo de documentos consultados na Gibiteca Henfil, localizada no Centro Cultural São Paulo, da cidade de São Paulo, são doações da pesquisadora de quadrinhos Sônia Luyten. A figura 16, por exemplo, tem um carimbo com o nome da pesquisadora.

Em 2020, a Coleção Expressa, editada pelo cartunista Andre Dahmer e pela pesquisadora Ana Paula Simonaci, foi dedicada a Mariza, citada pelo editorial como “uma das mais originais ilustradoras da imprensa brasileira”. Com desenhos inéditos, fotografias e depoimento da própria Mariza, a publicação tem valor inestimável para quem não se conforma com o silêncio de publicações consideradas tradicionais no campo dos quadrinhos e do humor gráfico brasileiros.

FIG. 17

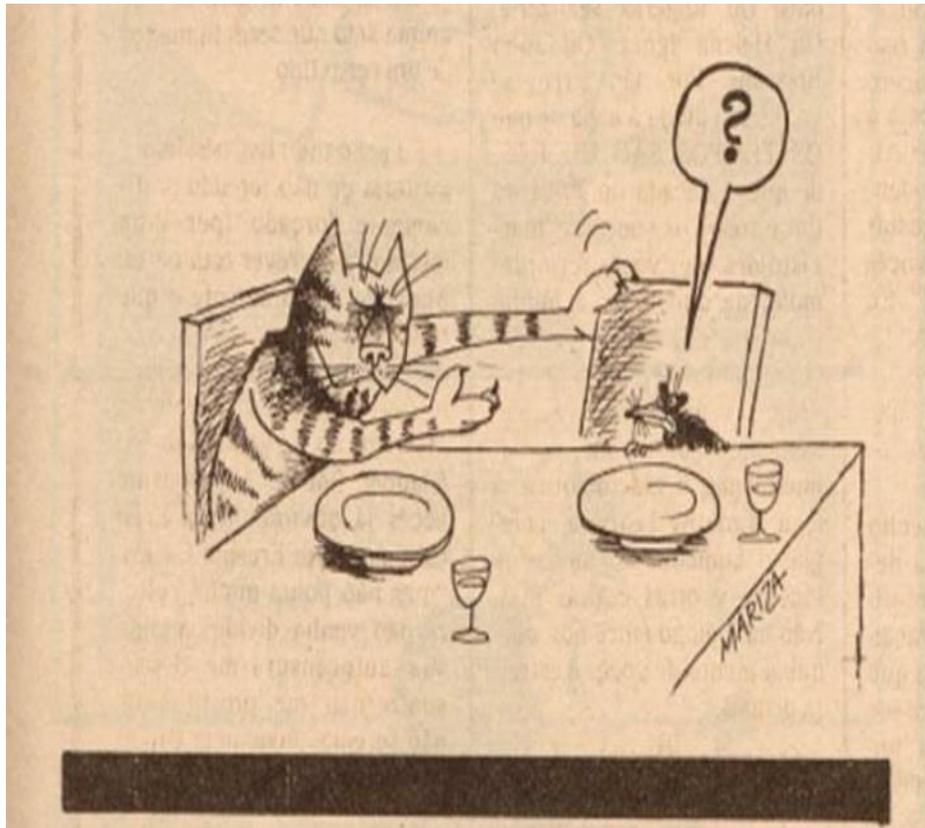


COSTA, Mariza Dias. *Expressa*, Número 16, dezembro de 2020.

Um dos mais importantes nomes do humor gráfico nacional foi capaz de romper, inclusive, a resistência d’*O Pasquim* com mulheres cartunistas. Entre 1974 e 1978, Mariza publicou mais de 45 vezes no jornal. A artista era considerada parte da

“patota”. Seu nome figura na lista “A patota vota”, número 489, de 1978, em que cada integrante do periódico apontou seu candidato a deputado federal. O jornal, em pequenas notas, também divulgava ao público que as gravuras de Mariza podiam ser compradas, indicando o local da venda, e convidava leitores(as) a comparecer em exposição de arte gráfica no Rio de Janeiro em que Mariza expunha sua obra com outras artistas. Apesar da última ilustração de Mariza ter sido localizada no jornal em 1978, Ziraldo a cita como parte de *O Pasquim* no número 590, de 1980. No jornal, estabeleceu forte parceria com Paulo Francis, com quem trabalharia também na *Folha*.

FIG. 18



COSTA, Mariza Dias. *O Pasquim*, Número 428, de 1977.

Na *Folha de S. Paulo*, contribuiu com as colunas de Contardo Calligaris, na seção *Ilustrada*, a partir de 1999. Laura Capriglione conta que Fortuna, do *O Pasquim*, “pirou com os desenhos que Mariza fez no Iraque” (COSTA, 2013, p. 20). Orlando

Pedroso narra que os originais de Mariza eram compostos por “desenhos, recortes, durex e muita cola Pritt” (COSTA, 2020, p. 14).

A *Enciclopédia dos Quadrinhos* (2011) afirmou que seus melhores trabalhos foram os publicados nas revistas *O Bicho* e *Ficção Quadrinhos: Os Mefistofinhos e Traca-xinol óvulos*. Ilustradora, cartunista, quadrinista, desenhista, Mariza não publicava em jornais feministas, embora publicasse em jornais alternativos de esquerda, como o *Movimento*, mas cedeu uma de suas ilustrações para o *Nós Mulheres*, que a publicou na Coluna de Humor, de 1977, acompanhando o perfil de Hilde, escrito por Cahú, e por tira de Ciça.

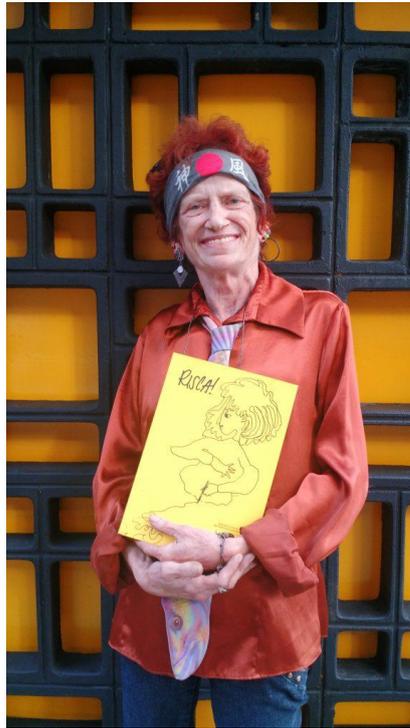
FIG. 19



COSTA, Mariza Dias. *Nós Mulheres*. São Paulo, 1977, p. 9.

Mariza fazia uso de pouco texto e abordava: política, desigualdade, assimetrias de poder, violência e corrupção. Suas escolhas temáticas indicavam grande fascínio pelo inconsciente, pela psicanálise, pelas drogas. Com traços, temas e abordagens complexas. Mariza faleceu em 2019.

FIG. 20



Fonte Ladys Comics. Disponível em:

<http://gravuracontemporanea.com.br/quem-tem-medo-de-mariza-dias-costa/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

Em 2017, Mariza, assim como Ciça e Crau, foi parte das convidadas do *Encontro Lady's Comics*, versão pocket, evento organizado pelo coletivo *Lady's Comics*, em São Paulo, claro esforço das novas gerações de estabelecer vínculos com as chamadas “pioneiras”. Na figura 20, é possível observar um registro deste momento, em que a artista posa para a foto com a revista *Risca!* em mãos. No evento, Mariza estava em uma mesa intitulada “Precursoras”, enquanto Ciça compunha uma mesa sobre maternidade e quadrinhos. Entre mesas e atividades sobre homoafetividade, representação de gênero e sexualidade, todos debates atravessados pela produção digital e pelas redes sociais, Ciça e Mariza são uma filiação desejada, buscada e firmada pelas novas gerações¹¹.

O grupo que começou advogando que “HQ não é só para o seu namorado” num *site*, e depois partiu para publicações, eventos e presença nas redes sociais,

¹¹ Ver, a este respeito, http://ladyscomics.com.br/quanta/?page_id=10. Acesso em: 22 abr. 2023.



fazia questão de marcar a emergência dos quadrinhos e humor gráfico de mulheres na era da Internet como tributário do trabalho das artistas que publicavam no papel, algumas delas, apresentadas neste artigo.

PARA ENCERRAR, ESTAMOS APENAS COMEÇANDO

O humor produzido por mulheres no Brasil ainda é um campo a ser revelado, não apenas no humor gráfico, alvo privilegiado das reflexões deste texto. O mesmo vale para outras áreas que operam, também, a partir de uma abordagem humorística. Apesar de ainda estar em construção, não podemos negar que as fontes abundam. Demonstração disso é a quantidade de jornais, revistas e demais publicações impressas que se mostram como recurso importante para a construção da história das cartunistas mulheres no Brasil antes do contexto da Internet, em que a profusão de documentos é quase paralisadora.

É a partir desta documentação, ainda em expansão nesta pesquisa, que se faz viável identificar filiações, pertencimentos e mesmo dissonâncias entre as artistas que são frequentemente acionadas como as “pioneiras”. Cahú, Hilde, Ciça e Mariza são a ponta de um fio que nos conduz a uma produção rica e abundante protagonizada por mulheres em seus diversos atravessamentos hoje.

Artistas mulheres, negras, trans, do norte encontram na Internet meios de produzir humor e arte, viabilizando, inclusive, o sustento. Entre os anos 1960 e 1980, os espaços de atuação eram mais restritos, por isso, também, estudos dedicados a estas cartunistas precisam enfrentar o trabalho de arquivo e pesquisa, em cenário de escassas coletâneas das próprias artistas, quase ausência de cartunistas em obras consideradas de referência, como dicionários e enciclopédias de humor gráfico e de quadrinhos, ou mesmo acesso facilitado aos jornais que elas publicavam. Numa imbricação difícil de resolver, já que precisamos descobrir nomes e revelar locais de publicação, formação e abordagens, parcerias e estilos, ao modo genealógico feminista, este artigo apresenta-se como um convite a recuperar e revelar estas e outras cartunistas, em busca de uma história densa das cartunistas do Brasil, construída a partir de um olhar de gênero e feminista.



BIBLIOGRAFIA

ADAIL [et al]. *Antologia Brasileira de humor* (Vol. 2). Porto Alegre: L&PM, 1976.

BURKART, Mara. "O Pasquim y Satiricón ante la emancipación femenina. La prensa satírica de Argentina y Brasil a comienzos de los años setenta". In: PLAZA SANTIBÁÑEZ, Vicente (editor). *Dibujos que hablan. Textos 2015-2016*. Santiago:Consejo Nacional de la Cultura y de las Artes/Universidad de Santiago de Chile/ Plop! Galería/ Vicho Plaza. pp. 129-140, 2017.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. *Nair de Teffé: artista do lápis e do riso*. Curitiba: Appris, 2016.

CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas y ciudadanía. Notas sobre la cuestión de las memorias de los feminismos en América Latina. *VIII Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres, III Congreso Iberoamericano de Estudios de Género*, Universidad Nacional de Córdoba, Villa Giardino (Córdoba, Argentina), 2006.

CRAU [et al] *As Periquitas*. São Paulo: Editora Kalaco, 2014.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. "O humor mostra... como as coisas não devem ser': uma entrevista com Ciça". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968-2011). *Revista Ártemis*, vol. XXVI nº 1; jul-dez. pp. 53-75, 2018.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Bia Sabiá em "O pessoal é político": (re)invenção do político no humor gráfico feminista de Ciça (Nós Mulheres, 1976-1978). *Fronteiras*, Grande Dourados, V. 20, n. 35, p. 117-136, 2018a.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. "Pilulinhas Porretas" e feministas de Conceição Cahú nos jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres (1976-1978). *Revista De La Red Intercatedras De Historia De América Latina Contemporánea*, (15), 154–179, 2021.

DAAS, Fatima. *A última filha*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

FONSECA, Mariama, COAN, Samanta. *Risca! #1: Memória e Políticas das Mulheres nos Quadrinhos*. Belo Horizonte: Lady's Comics, 2015.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GOIDANICH, Hiron Cardodo, KLEINERT, André. *Enciclopédia dos Quadrinhos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

MARINO, Dani, MACHADO, Laluna. *Mulheres & Quadrinhos*. São José: Skript, 2019.

MESSIAS, Carolina Ito. *Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações



e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22022019-150556/pt-br.php>
Acesso em: 29 abr. 2024.

PESSOA, Alberto, SOUZA, Cristiano “Representações do humor feminino nos quadrinhos de Conceição Cahú”, comunicação apresentada na 6ª *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos (Anais)*, ECA-USP, São Paulo, 2019. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/6asjornadas/q_historia/alberto_pessoa.pdf
Acesso em: 29 abr. 2024.

REVISTA MINA DE HQ N.01. (2020). Editora Independente.
REVISTA MINA DE HQ N.02. (2021). Editora Independente.
REVISTA MINA DE HQ N.03. (2022). Editora Independente.
REVISTA MINA DE HQ N.04. (2023). Editora Independente.

WALKER, Nancy A. *A very serious thing. Women's humor and American culture*. United States: American Culture, 1988.

FONTES

A Roleta. São Paulo, 1977. Acervo da Gibiteca Henfil.

Balão. São Paulo, 1975. Acervo da Gibiteca Henfil.

Brasil Mulher. São Paulo, 1978. Acervo digitalizado do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

CIÇA. *O Pato no Formigueiro* (2). Editora Codecri: Rio de Janeiro, 1979

CIÇA. *O Pato*. Editora Codecri: Rio de Janeiro, 1978.

CIÇA. *Pagando o Pato*. Porto Alegre: L&M Pocket, 2006.

COSTA, Mariza Dias. *...e depois a maluca sou eu!* São Paulo: Peixe Grande, 2013.

COSTA, Mariza Dias. *Expressa*, Número 16, dezembro de 2020.
Mulherio, São Paulo, 1987. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/>

Nós Mulheres. São Paulo, 1976 e 1977. Acervo digitalizado do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Pasquim. Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>

Placar. São Paulo, 1988. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=62E72n4n42wC&redir_esc=y



WEBER, Hilde. *Hilde: o Brasil em Charges (1950-1985)*. Editores: Toninho Mendes e Chico Caruso. São Paulo: Circo, 1986.

Recebido em: 15/05/2024

Aprovado em: 28/10/2024